

A PERSPECTIVA DO ISO GRUPAL NAS RODAS DE TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA

Congresso Online Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, 2ª edição, de 19/04/2021 a 22/04/2021
ISBN dos Anais: 978-65-86861-96-9

CARVALHO; Josemar Freitas de¹, CLEMENTE; Ana Paula Pereira²

RESUMO

O presente estudo, traz uma abordagem sobre a comunicação não verbal que toma por viés o princípio da Identidade Sonora (ISO), mais especificamente o ISO Grupal. A Terapia Comunitária Integrativa (TCI), assim como a Musicoterapia, é uma das Práticas Integrativas Complementares de Saúde (PICS) reconhecidas pelo Ministério da Saúde, com aplicabilidade no âmbito do SUS, com foco na atenção primária. As convergências entre as referidas práticas terapêuticas se acentuam ainda mais quando percebemos que são duas estratégias de restauração ou restabelecimento de canais de comunicação baseados nas particularidades do indivíduo através do acolhimento, da valorização do seu histórico de vida e em sua forma de se perceber em um dado contexto sociocomunitário; percebendo dois caminhos que seguem paralelamente e que em determinados pontos se entrelaçam; um desses pontos é sem dúvida a musicalidade, que por sua vez se traduz no que chamamos de Identidade Sonora. Isto está presente na regionalidade do repertório escolhido, nos instrumentos musicais que estarão dispostos a espera dos tocadores ou trazidos por eles, nas dinâmicas e vivências que consistem em buscar o autoconhecimento a partir do soar de objetos, das coreografias temáticas e espontâneas e dos movimentos corporais, vocais e respiratórios. Trazendo essa lógica para o campo da Musicoterapia, poderíamos compreender que essa busca pelo assunto mais relevante a ser discutido com o grupo, assemelha-se à busca que o/a musicoterapeuta realiza a partir do universo cultural deste mesmo grupo, a fim de identificar aquilo que tem deixado de ser expressado verbalmente e que tem provocado distorções na comunicação e conflitos interrelacionais que impactam direta ou indiretamente de forma negativa na saúde coletiva da comunidade. Desta maneira, espera-se que a presente investigação comprove a hipótese de que o ISO Grupal da Musicoterapia e os rituais de acolhimento e agregação da Terapia Comunitária Integrativa são essencialmente transversais. Diante dos resultados apresentados, foi possível constatar a integralidade existente entre as duas práticas analisadas neste trabalho, no que diz respeito à exploração dos recursos interventivos pelo viés da identidade sonoro de um determinado grupo; no presente caso, praticantes da Terapia Comunitária Integrativa. Ao trazer os relatos das rodas de conversa musicais, apresento também uma possibilidade para uma intervenção criativa junto a grupos heterogêneos em busca de promoção de saúde mental, como é o caso das rodas de TCI. Nesse contexto, se torna quase que inviável outro tipo de abordagem que não pela perspectiva do ISO Grupal, haja visto que aquela comunidade estará sensível a compartilhar experiências particulares despertadas por uma situação-problema que, inicialmente, representa a coletividade. É sob essa ótica que o/a terapeuta comunitário/a pergunta: *“Quem já viveu algo parecido e o que fez para superar? ”*; o que na metodologia da TCI é denominado como *Mote Coringa*. Trazendo essa lógica para o campo da Musicoterapia, poderíamos compreender que essa busca pelo assunto mais relevante a ser discutido com o grupo, assemelha-se à busca que o/a musicoterapeuta realiza a partir do universo cultural deste mesmo grupo, a fim de identificar aquilo que tem deixado de ser expressado verbalmente e que tem provocado distorções na comunicação e conflitos interrelacionais que impactam direta ou indiretamente de forma negativa na saúde coletiva da comunidade. Por fim, o presente trabalho vem contribuir para o fortalecimento das iniciativas terapêuticas com base na aplicação dos recursos

¹ Girassol Ações Integradas, josemar2007@gmail.com

² Girassol Ações Integradas, anaclemente2008@gmail.com

musicais e seus elementos com o objetivo de viabilizar canais de comunicação pautados no respeito às particularidades de um determinado ajuntamento comunitário. Os resultados aqui obtidos acenam para um maior aprofundamento teórico-metodológico onde se possa vislumbrar efetivamente uma troca de experiências exitosas que promova a complementaridade necessária para que Musicoterapia e Terapia Comunitária Integrativa se tornem recursos terapêuticos cada vez mais eficazes, acessíveis e transformadores da realidade social vigente; promovendo continuamente qualidade de vida e novas perspectiva de saúde comunitária, onde a Identidade Sonora dessa comunidade seja também a Identidade Cultural de uma comunidade que se apoia e se percebe para além de suas carências, descobrindo através do ISO Grupal as suas competências.

REFERÊNCIAS: 1. BARRETO, Adalberto de Paula. Terapia Comunitária: passo a passo. 4.ed. revista e ampliada. Fortaleza: Gráfica LCR, 2008. 408p. 2. BENENZON, Rolando. Teoria da musicoterapia: contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal. 3. Ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988. 183p. 3. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS Disponível em: <<https://aps.saude.gov.br/ape/pics/praticasintegrativas>>. Acesso em 03 de novembro de 2020. 4. Revista Brasileira de Musicoterapia - Ano XVIII n° 21 ANO 2016 CUNHA, R. Musicoterapia social e comunitária: uma organização crítica de conceitos. Disponível em:

<<http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wpcontent/uploads/2017/08/5-musicoterapia-social-e-comunitaria-uma-oraganizacao-critica-de-conceitos.pdf>>.

Acesso em 03 de novembro de 2020.

PALAVRAS-CHAVE: identidade sonora, metodologias integrativas, musicalidade, terapia comunitária, saúde comunitária